

Carlsson, U.; Tayie, S.; Jacquinet-Delaunay, G.; Pérez Tornero, J. M. (eds.) (2008) *Empowerment Through Media Education – An Intercultural Dialogue. Gotemburgo: The International Clearinghouse on Children, Youth and Media/NORDICOM, 272 pp.*

Manuel Pinto

Os estudos sobre educação para os *media* e, de forma mais abrangente, os que abordam a relação entre as gerações mais novas e os meios de difusão e comunicação ficarão, no plano internacional, tributários do trabalho que há cerca de uma década vem sendo desenvolvido na Universidade de Gotemburgo (Suécia), sob a liderança das Profs. Ulla Carlsson e Cecília von Feilitzen. Com o patrocínio da UNESCO, este é um relevante esforço de criação de uma base de dados e de ‘networking’ de publicações, investigações, estudiosos, organizações e iniciativas que têm em comum a preocupação pelo papel dos *media* na vida das crianças e dos jovens.

“*Empowerment Through Media Education*” corporiza uma boa parte das comunicações apresentadas em dois encontros internacionais, um realizado em Março de 2007 em Riade, na Arábia Saudita, e outro três meses depois, em Paris. Se o primeiro teve como característica o facto de ter colocado em diálogo duas culturas e duas civilizações carentes de inter-conhecimento e de diálogo, o segundo serviu para assinalar os 25 anos daquela que ficou conhecida como Declaração de Grünwald sobre Educação para os *Media*.

Não é fácil a tradução para português do conceito de “empowerment”. É evidente que é a ideia de poder ou de capacidade que está aqui em causa, ainda que se possa incluir igualmente a ideia de qualificação ou de habilitação. Não é razoável entender o conceito como outorga ou delegação de poderes, visto que não existe um poder que seja apanágio de uma entidade e que seja partilhado ou concessionado. É, antes, a criação de condições favoráveis ao desenvolvimento de recursos autónomos que capacitem uma pessoa, um grupo ou uma comunidade para algo. No caso presente, deverá deduzir-se que a capacitação, através da Educação para os *Media*, é para uma maior realização pessoal, um maior apetrechamento em ordem a um exercício pleno, crítico e responsável da cidadania.

Mas, dito isto, fica uma questão em aberto: e que entender por Educação para os *Media*? A obra aqui em apreço proporciona múltiplos contributos para a resposta e, desde logo, o importante capítulo que lhe serve de introdução. Uma coisa é certa (e partilhada pela generalidade dos autores): “é lamentável que as agências políticas e de apoio continuem tantas vezes a preferir financiar a aquisição de equipamentos, acreditando que isso promove a inovação” (p. 28).

O conceito de “media education” com que a generalidade dos textos desta obra colectiva trabalha aparenta-o ou põe-no em relação com o de “literacia informativa e mediática” ou “literacia digital”. Existiria, na visão dos quatro editores de “Empowerment” uma relação de sequencialidade, ou mesmo causalidade, entre “media education” e “me-

dia literacy”, sendo aquela o processo e esta o resultado (p. 23). A adjectivação “digital” decorre do facto de ser esse ambiente tecnológico mediatizado e essa a lógica informadora das práticas sociais que tende a predominar nas sociedades desenvolvidas. A necessidade e urgência de investigar sobre o assunto e de promover iniciativas de formação neste âmbito devem-se ao facto de que “muito do conteúdo que se encontra acessível através, por exemplo, da *web* e do telefone móvel, permanece uma *terra incognita* para muitos adultos” (p. 20). Processos em que a digitalização se fez sentir acentuadamente como a convergência (de conteúdos, suportes, tecnologias), a fragmentação (de audiências), a diversificação (de plataformas de acesso à informação, de ‘pólos de enunciação’) e a individualização (informação à medida, agregadores personalizados, *media* pessoais) têm vindo a alterar substantivamente o quadro de referência da socialização e do exercício da cidadania. A quantidade e variedade da informação disponível, a dificuldade das velhas ferramentas e grelhas para lidar com a nova realidade e – não menos importante – as profundas assimetrias sociais no acesso e usufruto dos recursos disponíveis tornam a literacia informativa e mediática um desafio necessário para qualquer cidadão.

Como observa Geneviève Jacquinote-Delaunay, citando um responsável europeu, “um indivíduo é alfabetizado nos *media* se consegue fazer escolhas e ponderar as razões para essas escolhas; se se consegue acautelar a si e à sua família quanto a conteúdos problemáticos; se adquiriu conhecimento e *know-how* que o capacite para o uso dos *media* enquanto cidadão responsável e a tomar parte activa na vida da sociedade” (p. 62). Na medida em que estes parâmetros estão em jogo, pode dizer-se que “a educação para os *media* constitui um direito fundamental da Humanidade” (*ib.*). Uma ideia repetida noutras partes do livro (ex.: pp. 28 e 38).

Um contributo interessante para substanciar esta linha de reflexão pode ser encontrada no texto assinado por Pier Cesare Rivoltella, professor da Universidade Católica de Milão e um conceituado especialista europeu na matéria. Defendendo uma perspectiva “multimédia” ‘socio-cêntrica’ (e não ‘médio-cêntrica’), ele entende que, além das tarefas da alfabetização, é necessário, hoje, lidar com a dimensão filosófica da tecnologia e “passar de um sistema escolar no qual os *media* são uma ‘janela’ para um novo sistema capaz de compreender o ambiente real da educação” (p. 205). A tarefa é de monta e, segundo o autor, exige aprender a encontrar mapas que ajudem a navegar numa cultura-mosaico (um conhecimento não hierarquizado), o que pressuporá igualmente um movimento de ruptura com um modelo didáctico unidireccional e transmissivo em favor de um modelo relacional e cooperativo.

Numa obra repleta de pistas para a investigação e intervenção no terreno da literacia digital, seria difícil, em pouco espaço, dar conta de todos os contributos. Valerá a pena, por conseguinte, chamar a atenção para um aspecto que não é frequente em obras deste âmbito e que reside na presença de um bom número de trabalhos oriundos do mundo árabe. Pode ser um meio útil e proveitoso para conhecer o pensamento e as referências de espaços culturais diversos daqueles em que nos movemos e dos quais os grandes *media* se limitam a difundir pouco mais do que caricaturas.

Fica, enfim, a ideia de Divina Frau-Meigs, que resume bem todo o livro, da educação para os *media* como “a journey to empowerment”.